

Juliana Hortencio



*Sócia-Proprietária da Trya Lighting
Design acredita que a formação
do bom lighting designer deve
vir da prática profissional*

Entrevista concedida a Erlei Gobi

De que forma o lighting design se tornou sua principal atividade como arquiteta?

Após minha formação em arquitetura e urbanismo e já atuando no mercado por oito anos, em 2007 senti que “faltava algo” na profissão onde eu pudesse expressar a minha capacidade criativa, aliada ao conforto humano dentro do ambiente construído. Como boa pesquisadora, fiz absolutamente todos os cursos do Lighting Application Center (LAC) da Philips, onde pude vivenciar experiências com a luz, reflexão de superfícies, equipamentos de iluminação, e sedimentar a base do meu processo criativo com o conceito da “qualidade da luz desejada para o ambiente”.

Há 14 anos, você trabalha com projetos de iluminação. Conte-nos sobre sua experiência.

Após o contato com os primeiros cursos, surge a necessidade da prática, então ofereci meu trabalho para um escritório de arquitetura, onde fiz o projeto de iluminação de uma residência, um showroom, e um escritório de advocacia. Certa de que a prática faz o profissional, atuei como coordenadora de projetos e de equipe, tendo no curriculum mais de 150 projetos coordenados desde residências, escolas, edifícios corporativos, hotéis, shoppings, bancos, museus, unidades do Sesc, praças, clínicas, rede de supermercados, aeroportos e rede de lojas de varejo.

Atualmente, você é sócia-proprietária da TRYA Lighting Design. Quais dificuldades está enfrentando para empreender no mercado de iluminação?

Prefiro trocar a palavra dificuldades por

desafios, e eles existem em todas as profissões. Hoje, estamos trabalhando em home office, e por sermos uma empresa que aderiu ao distanciamento como forma de proteção a todos os colaboradores, neste momento de pandemia e para que o fluxo de trabalho fosse mantido, adaptamo-nos às reuniões online, incluindo o processo criativo em grupo, através do uso de ferramentas da internet. Mas nada que não pudesse ser superado, pois nossa capacidade de resiliência no meio deste processo foi fundamental para nos mantermos atuantes no mercado.

Quais os trabalhos mais importantes da sua carreira até hoje?

A reconstrução do município de Maria-

na após o acidente do rompimento da barragem, na Cidade de Paracatu, onde estamos contribuindo com o projeto de iluminação para edificações essenciais para a vida dos moradores: posto de saúde, posto de serviços, cemitério, escola de ensino fundamental, escola de educação infantil, praça de esportes e residências para os habitantes da cidade; além de nova conceituação da iluminação em grandes redes de supermercados no interior paulista e rede de lojas de varejo em nível nacional.

Em sua opinião, o que é preciso para ser um bom lighting designer?

Sem dúvida, a prática faz o profissional. Para alcançar o objetivo de ser um bom lighting designer, além da formação acadêmica de nível superior em Arquitetura e Urbanismo ou em áreas que envolvam a completa percepção do espaço, indico o trabalho nos melhores escritórios de iluminação, tanto no Brasil, como no exterior, experiência esta que vai colocar o profissional em contato com o mercado e revelar a realidade da profissão. A nível nacional, indico o IES – Instituto Esther Stiller, referência no Ensino de Iluminação, projeto e prática.

Além da iluminação, quais são suas outras paixões?

Minha filha (risos), meu marido, e a administração da minha empresa, pois acompanho cada detalhe, desde meus colaboradores, financeiro, administrativo, marketing, e, claro, os projetos. Sou apaixonada também por gatos, tenho cinco! E livros, muitos livros. Adoro ler, me informar, adquirir conhecimento, afinal sem eles não se vai a lugar algum. ◀